



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

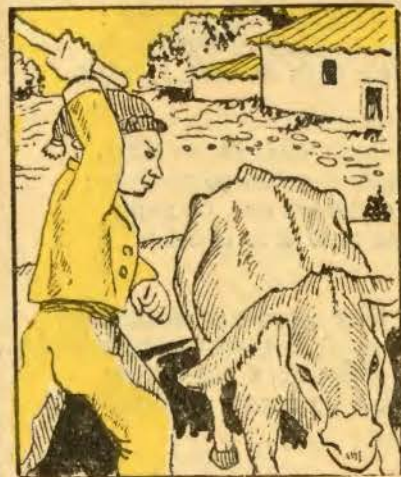


Por AUGUSTO DE SANTA RITA
Desenhos de A. CASTANÊ

ERA uma vez um velho camponês, fazendeiro milhoto, que tinha um burro também já velho e que, tal qual como o seu dono, mal se sustinha nas pernas.

O Ti'Manel da Azenha, assim se chamava o dono do jumento, notando que o seu «Russo» já mal podia com ele, e nenhum préstimo tinha, andava desgostoso e irritado, ao ponto de malhar constantemente, no pobre animal, sem dó nem caridade. Chamava-lhe paspalhão e rouquejava-lhe pragas, de hora a hora, até que, certo dia, decidiu vendê-lo ou trocá-lo, nem que fôsse por batuta e meia, o ponto era que dessem alguma coisa, o que, francamente, lá de si para si, bem duvidava. E, nesta convicção, a sua ira aumentava, descarregando, no burro, as fúrias da sua raiva.

Desgraçado jerico, pobre jumento que tantos e bons serviços lhe prestara, outrora, em seus saudosos tempos de burrial mocidade!



Tanta vez conduzira o seu dono ao moínho, escarranchado na albarda tantos sacos de trigo acarretara, tanto alegrara os netos do Ti'Manel, em domingais passeios, por feiras e romarias, tanto puxara à nora, com os olhos vendados, sempre resigna-

da e pacientemente, para, afinal de contas, assim ser maltratado na velhice.

— «A ingratição dos homens!... — pensava o pobre burrinho.

Como constasse já, em toda a povoação, que o Ti'Manel da Azenha andava deveras arreliado por não conseguir vender o «mostrenço», na própria expressão ingrata do seu dono, sucedeu, finalmente, aparecer um pretendente ao burro. Era o Zé Pereira da Terra, um tocador de bombo, a alegria do Minho.

Foi, pois, com grande espanto que até mesmo o próprio Ti'Manel recebeu a notícia e, logo após, a proposta.

— «Quanto quer pelo seu burro, Ti'Manel? — (preguntou-lhe o Zé Pereira, acrescentando a sorrir.) — Você parece desconfiado, homem!... Realmente o burro está por pouco, mas...»

— «Então, para que o quer, vocemecê, só Zé Pereira?» balbuciou, pasmado, o Ti'Manel que, por ser deveras interesseiro, não compreendia a razão que poderia levar o bom Zé Pereira a adquirir-lhe o burro.



(Continua na página 3)

A RATINHA SABICHONA E O RATO INEXPERIENTE



Por **AUGUSTO DE SANTA-RITA**
Desenhos de **A. CASTANÉ**

RATINHA Sabichona era experiente da vida! Bem lhe custara aprender a conhecer o mundo, nas manhãs traiçoeiras do Dom Tareco, em fugas desordenadas, da despensa para o seu nicho, através dos vários buraquinhos dos rodapés da casa em que viviam, como inimigos mortais. Por isso estava sempre a aconse-

lhar prudência à numerosa prole que possuía, constituída por seis ratinhos qual deles o mais esperto.

Um, porém, por ser deveras ousado e um nadinha atrevido, fazia ouvidos de mercador aos atilados conselhos da mãe-rata, e, de quando em quando, sem licença e às escondidas, dava umas saltadinhas à despensa onde o fascante olhar de D. Tareco surgindo de improviso, luzia, como acesa lanterna de algibeira. Mas, tanta vez a bilha vai à fonte até que um dia se quebra. Ora, foi, também, precisamente, o que ao noço ratinho sucedeu. Estava roendo um pedacinho de queijo, tão satisfeito e alheio a tudo mais, que nem sequer reparou no olhar fosforescente do gato que, com pézinhos de lã, ia avançando, avançando, brando, leve e matreiro, como sombra em desfilé.

Só quando o arfar represo do arquejante bichano lhe fungou aos ouvidos, o presentiu em calafrio de morte.

Ágil pulo o esquivou da atordoante patada, dada felizmente em falso, do traiçoeiro Tareco. Coração-



Como era belo assim! Que tentação!...
As crias predispostas em canudos!
Nisto, um ricaço compra este alásão,
Dando por ele mais de vinte escudos.

O filho do ricaço, que era um tonto,
Perde, entanto, o cavalo no caminho;
Achando-o o Manuel que, de ponto,
O levanta do chão todo carinho.

Beijando-o, num enorme arroubamento,
—«Se fosse meu!...» pensou o inocentinho...
Mas segue, resignado, a passo lento,
Indo entregá-lo ao dono... Coitadinho!



O CAVALINHO

(ao Tinto)

Manuel era pobre — coitadinho! —
Tinha apenas nove anos. Numa feira
Viu um lindo e airoso cavallinho
Com boa sela e estribos de primeira.

D. Girasol

zinho aos saltos, ei-lo agora correndo, em fuga vertiginosa, em direcção do buraquinho no rodapé da cozinha. Quando, precisamente o transpunha, uma dorzinha, aguda e lancinante, o fez guinchar. Na fúria de o caçar, D. Tareço alcançara-o pelo rabito, trincando-o e cortando-lho quasi rente.

Todo a tremer de susto, já entre os seus, no seu nicho, salpicando o chão de gotinhas de sangue, chorava junto da mãe-rata e entre os manos ratinhos, que riam à gargalhada, ao vê-lo, assim, comicamente sem rabo.

— «Bem feito! — (disse-lhe, então, a mãe que tanto o aconselhara). — Não houvesse desobedecido que ainda hoje estarias com o teu airoso rabinho.

Ninguém deve antecipar-se na Vida! Sem o preciso conhecimento do mundo e a necessária preparação, que só vem com a idade, ninguém deve aventurar-se à luta pela Vida.



■ F I M ■

A pele do burro e o velho Camponês

(Continuado da página 1)

— «E' que tenho dó dele!...» objectou-lhe este, com toda a sinceridade.

— «Ná!... Ai anda manha, só Zé; — (tornou o Ti' Manel mais desconfiado ainda) — mas, seja lá por que fór, só lho vendo por vinte e cinco escudos».

— «Pronto. Está o negócio arrumado;» exclamou o Zé Pereira, sacando da sua meia, onde guardava o dinheiro e dando-lhe a quantia exigida.

Já de regresso a casa, ei-lo conduzindo o burro, cujo lombo afaga de quando em quando. Recebido com grande regosijo pela mulher e filhos, ainda pequenos, foi de festa aquela dia, em casa do Zé Pereira que tanto desejava presentear, assim, os pequenitos, pois, vezes sem conta, lhe haviam manifestado o veemente desejo de possuírem um burro, para leves e curtos passeios.

A-pesar de haver sido tratado com todo o carinho, o burro pouco tempo durou, morrendo de velhice mas bendizendo a hora em que mudara de dono, tão maltratado fóra pelo mau Ti-Manel e tão acarinhado pelo bom Ti'Zé.

Fôra geral o desgosto em casa deste, o qual, por fim lhe aproveitou a pele que, após devidamente, curtida, foi substituir a do velho bombo, já rota e remendada.

Passado um ano, o Ti'Zé Pereira foi visitar o Ti'Manel que, de pernas entapadas, tolhido de reumático, nunca mais saíra do seu cubículo.

Ciente de que o burro do Ti'Zé, já lhe havia morrido, pôs-se a rir do bom negócio que fizera, vendendo-o a tempo, verdadeiro mestrengo, um espantalho que já para coílea alguma servia! E acrescentou, motejando:

— «O que vale, Ti'Zé, é que ainda há telos neste mundo!...»

Picado por tão grosseira chataça, o Ti'Zé replicou, então, todo enxofrado:

— «Engana-se, Ti'Manel; o pobre burro valia bem mais que vocemecê! Em vida, fez a alegria dos seus netos e dos meus filhos. E, ainda, depois de morto, me foi útil! Aproveitei-lhe a pele para o meu bombo. Contribuí, assim, para a alegria da terra, animando, ainda hoje, as feiras, as romarias e as cachopitas nos bailaricos, cu em bôdas e baptisaços, ao som das baquetas na sua pele esticada. Você, é que ao «esticar», não servirá para nada, pois nem a pele se lhe aproveita e, muito menos, a alma!»

O
P
E
N
S
A
R



D
O
Z
É
Z
I
T
O

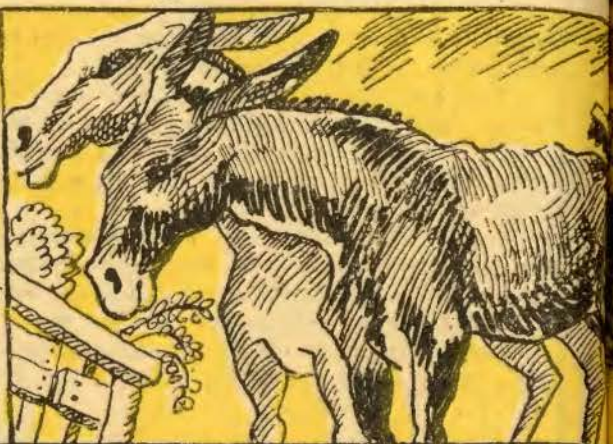
O pensar de Zézito,
— um cabeça no ar —
é como um pardalito
a saltitar,
que mal sabe voar
pelo espaço infinito!
Mas um dia virá
em que o seu pensamento
será,
tal qual,
como Aguiá real,
voando no Firmamento!

■ F I M ■

O Feitiço e



I — Era uma vez um cigano
duma imensa hipocrisia,
pois levava todo o ano
enganando quem podia.



II — Comprava paelhas velhas
que após vendia por novas,
pondo graixa nas paelhas
com meia dúzia de escovas.



V — Até que um dia o «Mão fina»,
um refinado ladrão,
lhe pediu que lêsse a sina
na palma da sua mão.



VI — Mas, com outro combinado
emquanto a sina lhe lia,
o cofre, que tinha ao lado,
nas mãos do outro, fugia.



IX — Mas, em busca do seu cofre,
ao findar a predição...
o nosso cigano sofre
uma horrível decepção.

X — Ao vê-lo perder a linha,
o «Mão fina» diz-lhe então:
— «Se você tudo adivinha
na palma da minha mão,

Feiticeiro



III — Lia a sina a quem calhava,
inventando mil patranhas;
e assim bem se governava
com tais manhas e artimanhas.

IV — Trazia um cofre consigo,
cheio de ouro até ao fundo,
que nem ao melhor amigo
confiava um só segundo.



VII — O cigano mal sonhando
que assim estava a ser roubado,
lendo a sina, ia intrujando
o tal gatuno afamado.

VIII — Que linda sina! — (Dizia,
com cinismo, o falso bruxo:)
Inda haveis-de ter, um dia,
moradias de alto luxo!...



XI — tenha calma, tenha calma,
não percebo porque sofre,
leia, aqui, na minha palma,
quem lhe levou o seu cofre!

XII — Meninos, para findar,
lembrar-lhes-hei o ditado!
*Quem passa a vida a enganar
tarde ou cedo é enganado!*

O JANTAR NO QUINTAL

UMA LIÇÃO por

MARIA JULIA DE LEMOS
Desenhos de A. CASTANÉ

DA janela da sala de jantar, gozava-se o espectáculo sereno do campo, um panorama de encantar, ao pôr-do-sol, num dia muito ameno.

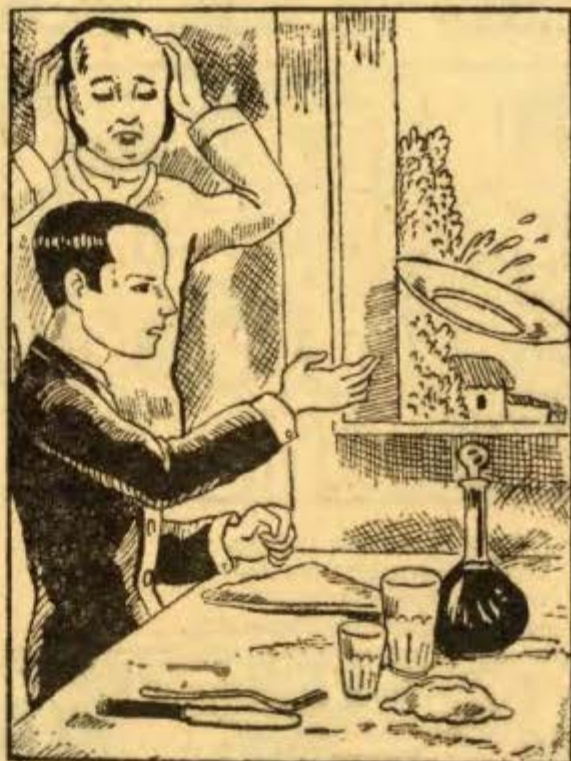
Dentro, o criado, grave, cuidadoso, sabendo bem como o seu patrão era, em atitude erecta, respeitoso, já posta a mesa, o seu regresso espera.

Ei-lo que surge! — Como vem zangado! Pensa o criado, o qual, a um canto, o observa, coloca o guardanapo, algo irritado, e prova a sopa que inda mais o enerva.

Entretanto, a colher levando à bôca, talvez porque ela lhe soubesse mal, num gesto feio e numa tûria louca, atira prato e sopa pra o quintal.

Mas qual não foi o espanto seu, porém, vendo o criado, com serenidade, pela janela arremessar também, o resto do jantar: — que indignidade!

Que fizeste?! Que grande atrevimento?! Como e que explicarás esse teu acto?! Se não saís já daqui, neste momento, Decerto que te esfolo, que te mate!



Então, o servo, olhando-o bem de frente, responde-lhe: — «Senhor não foi por mal! Deitou a sopa fóra e eu fiquei crente de que hoje jantaria no quintal!»

Ouvindo o seu criado, o mau patrão ficou-se neste caso a meditar, e após ter recebido esta lição, prometeu que se havia de emendar!

Além de que excederem-nos é feio, que culpa podem ter nossos criados de qualquer mal que incomodar-nos veio e nos deixou ficar arreliaados?!

CLASSIFICADOS NO CONCURSO DE CHARADAS



Maria Manuela da Cunha e Sá



Francisco José Barreiros Campes



Filinto Artur Girão de Oliveira Osório



Maria do O



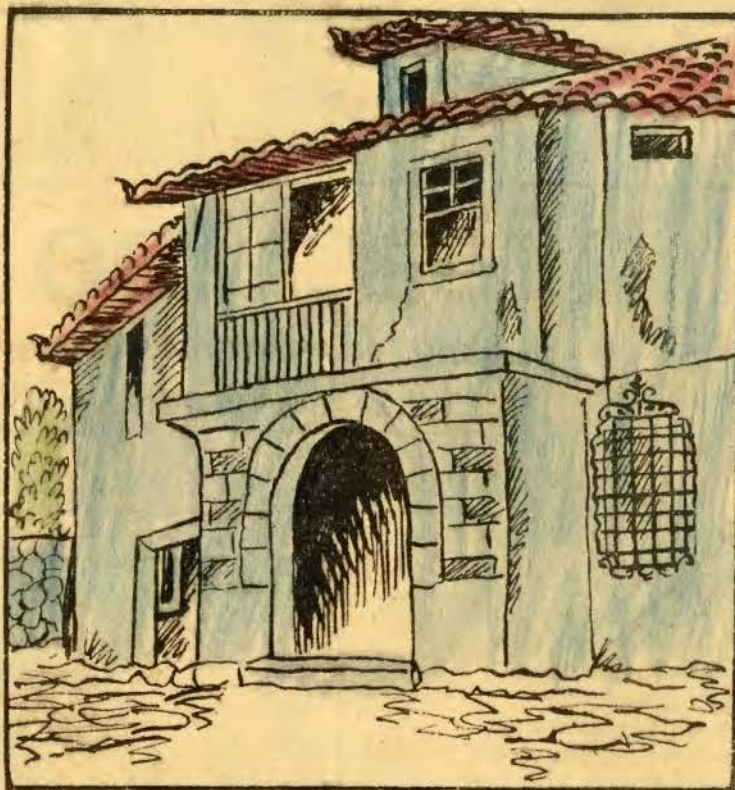
Joaquim Pinho Farinha

CORRESPONDÊNCIA PARA OS MENINOS COLORIREM

Manuel Alexandre: — O teu conto, embora por vezes um pouco irregular na forma, tem qualidades tão grandes que nos fazem desconfiar. Vamos, confessa lá donde o copiaste, tanto à pressa. Se nos enganamos, escreve novamente, reivindicando a tua paternidade e ele será publicado, depois de corrigido pela precipitação com que o escreveste.

Mariana V. S.: — Será satisfeito o teu pedido muito brevemente. Estimamos saber que estás, novamente apaixonada pelo «P. P. P».

Demonico: — Não há dúvida; dás bastantes provas de que o és. Não queiras abraçar o mundo todo com teus braços. E's demasiado ambicioso. Para as letras não te fadou o Destino. Os dese-



ADIVINHA



O papá deste menino, deu-lhe, de presente, um lindo avestruz. Vejam se descobrem este excêntrico papá.

nhos não são mauzinhos; contudo *Maria do Rosário:* — Aguardamos o
deves esmerar-te um pouco mais na teu retrato e nova colaboração. Afec-
apresentação deles, pois com 15 anos tuosas lembranças.
já não és uma criança.

Dynette: — Vejo devolvida uma carta a colaboração a que te referes. Só de-
que o Sr. Santa Rita lhe escreveu pois poderemos responder às tuas pre-
para a Quinta das Conchas, sobre a guntas.
colaboração de V. Ex.^a Onde se encontra, presentemente?

TIO PAULO

COLABORAÇÃO INFANTIL

Mascarados,
pelo menino
Cândido
José
Ferraz
de 15 anos





A JUSTIÇA DO MACACO

FABULA — Adaptação de Augusto de Santa Rita

Desenhos de Adolfo Castañe

O Zé Rato e o Zé Ratão, havendo herdado um bom queijo, envolveram-se em questão; o que logo deu ensejo à legal intervenção dum macaco, animalejo que exercia o seu varejo naquela Jurisdição.

Como Juiz na questão, velhacamente e sem pejo, logo diz o macacão:

— «Amigos, o meu desejo é repartir vosso queijo com rigôr e exactidão.

Nos pratos duma balança, dividindo-o em dose igual, para fazer as partilhas, o nosso macaco lança o queijo que, por sinal, era um bom queijo das Ilhas.



na balança. E vendo que ela, após comido o bocado, para a direita pendia, come, agora, do outro lado, o pedaço que excedia; mais ou menos, bem de ver, porque a ôlho não podia, nem lhe convinha, sequer, calcular quanto seria!

do queijo reles porção, mostram sua indignação por tão grande desacato.

Nisto, antê a disposição de dispensarem a estulta e tão cara intervenção, o nosso macaco exulta e diz com satisfação:

— «Falta pagar a consulta!»

— «Quanto importa?» ingenuamente,

inquirem Rato e Ratão, ao macaco dando ensejo de lhes volver, sorridente:

— «Com franqueza, não desejo ser-lhes pesado; sómente este restinho de queijo!» E logo lhe mete o dente.

Desta fábula é preciso tirar suas conclusões:

— *Evitemos as questões que só trazem prejuizo.*



Vendo, porém, que o fiel da balança, se inclinava para a esquerda, que faz êle?!... Tira a parte que pesava mais do que a outra, à direita, e come um pedaço áquela. Pesando-a de novo, deita-a

Torna a pesar, novamente; come, pesa, pesa, come... e assim, sucessivamente, vai matando a sua fome! Até que o pobre Zé Rato e o desgraçado Ratão, vendo, apenas, num só prato,

■ F I M ■